



SUJEITO-TRADUTOR: DIZERES E SILENCIAMENTOS

Laís Virgínia Alves Medeiros¹

Introdução

O processo de tradução não consiste apenas em “passar de uma língua para a outra”, como postula a visão tradicional desse trabalho. Traduzir consiste principalmente em assumir um dentre os diversos efeitos de sentido possíveis e, a partir daí, reconstruir o texto trabalhado em outro idioma. Essas opções não são aleatórias; como destaca Mittmann, “a produção de efeitos de sentidos só ocorre pela entrada numa rede, pela intervenção da memória discursiva e, ainda, dá-se ao sujeito de modo particular, a partir do lugar social que ocupa e da posição que assume em sua inscrição em uma formação discursiva” (2012, p. 68).

Meu trabalho pretende debater a articulação dessas forças em jogo numa tradução específica, qual seja, “Um é o Outro. *Relações entre homens e mulheres*”, tradução de Carlota Gomes de “*L’un est l’autre. Des relations entre hommes et femmes*”, de Elisabeth Badinter, ambos de 1986. Meu foco será principalmente o registro da presença da tradutora: nos recortes selecionados, é possível perceber em suas opções tradutórias tanto uma pretensa invisibilidade, em alguns momentos, quanto uma sutil visibilidade, em outros.

O tradutor sob diferentes perspectivas

Contrariamente ao autor, que, afetado pelo esquecimento um, pode se imaginar como origem única do seu dizer (Pêcheux, 1983), o tradutor tem consciência de estar reescrevendo o que foi dito pelo autor; isso não significa, no entanto, que ele não seja afetado pelos esquecimentos – tanto pela ilusão de ser a origem do texto em língua 2 como por imaginar que o texto produzido terá apenas um sentido apreensível pelo leitor. As tradicionais teorias de tradução postulam que sua voz deveria ficar tão silenciada quanto possível, correspondendo à imagem idealizada, apontada criticamente por Coracini (2007), de um tradutor transparente, tão fiel ao leitor e à obra que seu trabalho se tornaria imperceptível. De fato, é bastante comum termos, durante a leitura de uma tradução, “a ilusão de que estamos lendo o próprio original, ou, pelo menos, de que este texto contém as idéias, a mensagem, o conteúdo do original, as intenções e o pensamento do autor do original” (MITTMANN, 1999), e a tradução considerada “boa” seria aquela que manteria essa ilusão.

No entanto, adotando a perspectiva da Análise do Discurso, o tradutor assume outras formas que ultrapassam essa visão de transparência e invisibilidade. Uma delas é a que justifica minha

¹ Graduanda em Letras-Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

opção pelo uso do termo “sujeito-tradutor”: vemos o tradutor como “mais um sujeito envolvido no processo, e, assim como o autor e o leitor, é um lugar social, que está presente e transformado pelas formações imaginárias no discurso produzido durante o processo tradutório, que se materializa no texto da tradução” (ibid.). Daí considerarmos não apenas os textos em L1 e L2, mas principalmente as relações de sentido estabelecidas entre os discursos que interpelam o sujeito-tradutor, resultando numa tradução com escolhas e efeitos específicos em detrimento de outros possíveis.

Dizeres e silenciamentos na tradução analisada

Ao compararmos o texto de base ao texto da tradução² (doravante texto 1 e texto 2, respectivamente), é possível perceber uma diferença significativa na editoração dos textos: no texto 1, as notas de rodapé da autora ficam ao pé da página onde são referidas; no texto 2, todas as notas de rodapé se encontram no final do livro, separadas do texto pelos anexos e pela bibliografia.

Diferentemente da nota de rodapé de tradução, que “desfaz a ilusão de estar lendo as palavras do autor, expõe a figura do tradutor como um invasor na relação íntima entre leitor e autor e, ainda, leva à imagem de que alguém já desvelou o ‘original’” (MITTMANN, 2012), as notas que encontrei no texto 2 partiram todas de notas já existentes no texto 1 (em sua maioria, explicações históricas complementares ou referências a bibliografias). No texto 2, a participação da tradutora não é evidenciada pelas notas de rodapé; seu embate entre sentidos nas duas línguas não é explicitado ao leitor. Não sabemos se, nesse caso específico, trata-se de uma escolha ou de uma imposição; sabemos, entretanto, que também o silêncio é constitutivo do discurso:

dada a incompletude constitutiva de todo discurso, ele joga também na configuração da unidade textual significando aquilo que é preciso não dizer para que o texto se feche e, em consequência, seja coerente, não-contraditório, capaz de unidade, de progressão em uma direção dada, tendo consequências discursivas conformes (ORLANDI, 1993, p.106)

De onde concluo que a não existência de notas da tradutora no texto não é uma casualidade; estaria, antes, cumprindo uma função. Entre as possíveis funções reveladas por esse silenciamento, destaco as de censura e de heterogeneidade provisoriamente estruturada.

A censura diz respeito ao que um sujeito está autorizado a dizer frente a um outro discurso (ibid.). Considerando o processo tradutório, em que cabe ao sujeito-tradutor trabalhar com um texto que não é de sua autoria e transcrevê-lo em outra língua mantendo o discurso do autor (ou melhor, a imagem que se tem do que seja o discurso do autor), é previsível que haja uma forte censura para que o tradutor faça apenas o trabalho que se espera dele, qual seja, o de transpor textos de uma língua para outra. Ele não estaria autorizado a deixar transparecer sua interpelação em sujeito, seu

² Adotando a terminologia de Mittmann (2012).

embate com os deslizamentos entre as línguas ou mesmo sua tradautoria³. A censura na tradução está relacionada, então, ao discurso do autor, que é o limite imposto ao dizer do tradutor: se não está dito pelo autor, não cabe ao tradutor dizê-lo - e se o autor não dividiu com o leitor suas dúvidas quanto a termos ou recursos linguísticos, também não cabe ao tradutor fazê-lo.

Quanto à heterogeneidade provisoriamente estruturada, Indursky (2001, p. 39) a define como a estruturação provisória resultante do trabalho discursivo da textualização, responsável pelo efeito-texto; esse efeito-texto, construído pela produção do autor, é dissolvido quando da leitura do tradutor (que é, antes de tudo, também leitor) para ser em seguida recomposto, cumprindo o ciclo da produção discursiva da leitura. O sujeito-tradutor, então, reconstrói provisoriamente o efeito de homogeneidade do texto; ignorando que toda autoria (ou tradautoria) carrega uma heterogeneidade constitutiva, responsabiliza-se pela produção do texto 2, mas creditando a voz que ali fala ao autor do texto 1 (MITTMANN, 2008). Não se manifestar pelas notas de rodapé de tradução é um recurso que reforça esse efeito de homogeneidade e de estabilização dos sentidos, pois sustenta a ilusão de que apenas uma voz se manifesta naquele discurso; embora o texto 2 seja necessariamente o resultado da produção de leitura do sujeito-tradutor, o silenciamento desse sujeito permite que sua participação passe despercebida.

Entretanto, voltando à obra analisada, existe uma opção tradutória que rompe esse efeito de unidade tão bem construído pelo silenciamento da tradutora: trata-se da manutenção de títulos em língua francesa entremeados ao texto em português. Destaco em particular uma citação do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado na França em 1949 e traduzido no Brasil em 1962:

“L’embryon glaireux ouvre le cycle qui s’achève dans la pourriture de la mort.”

Seguido pela nota de rodapé:

“*Le Deuxième Sexe*, tome I, p. 197-198.”

Traduzidos, respectivamente, como:

“O embrião pegajoso abre o ciclo que termina na podridão da morte”

“*Le Deuxième Sexe*, tomo I, pp. 197-198”

Sendo *O Segundo Sexo* uma obra traduzida no Brasil vinte anos antes de *Um é o Outro*, o título em português já seria um conhecimento compartilhado pela comunidade interpretativa⁴, sendo possível referi-lo sem causar estranhamento. Nesse contexto, a manutenção do título em francês, quase como uma nota de rodapé de tradução, rompe a fluência da leitura e lembra ao leitor que aquele texto não foi escrito pelo autor tal qual se apresenta no momento da leitura: ele é, na verdade,

³ Forma específica de autoria que se constrói no processo tradutório (MITTMANN, 2003, 2008 e 2012).

⁴ Conceito cunhado por Fish em 1980. Diz respeito à compreensão possibilitada pelo pertencimento do leitor a uma certa comunidade que compartilha cultura e conhecimento comuns.



resultado de uma leitura já realizada pelo sujeito-tradutor, que se evidencia por essas sutis marcas no texto 2. Mesmo que a presença do tradutor não seja manifesta pela forma mais tradicional, essas sutis marcas de visibilidade comprovam que seu trabalho carrega traços de sua interpelação em sujeito e que, assim como ocorre em grande parte das traduções, a pretensa transparência do tradutor não é um objetivo alcançável.

Considerações finais

Frente a uma tradução, a reflexão sobre seu processo de produção e sobre os sujeitos nele envolvidos nem sempre ocorre de maneira automática. O envolvimento de um terceiro (o tradutor) na interlocução autor - leitor só fica evidenciado frente a seus dizeres: notas de rodapé, manutenção de trechos em L1 ou mesmo os já tão debatidos “erros de tradução”.

Contudo, um texto traduzido, ainda que limitado por censuras diversas e bem estruturado pelos efeitos de textualidade e homogeneidade, será sempre resultado da leitura de um sujeito: o sujeito-tradutor, que é também sujeito-leitor. Embora os dizeres do texto 2 sejam atribuídos ao autor do texto 1, e o tradutor seja tradicionalmente considerado uma ponte entre línguas, responsável apenas pelos dizeres das notas de rodapé (quando existem), o texto 2 é essencialmente produto das leituras desse sujeito.

Foi possível observar que a análise de seus dizeres e silenciamentos permite, além de refletir sobre a tradução, encontrar evidências sobre a sua interpelação em sujeito no processo tradutório e sobre os efeitos textuais dessa interpelação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. *L'un est l'autre. Des relations entre hommes et femmes*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1986.

_____. *Um é o Outro. Relações entre homens e mulheres*. Tradução de Carlota Gomes. São Paulo: Círculo do Livro S. A. 1986. Tradução de: *L'un est l'autre. Des relations entre hommes et femmes*, 1986.

FISH, Stanley. “Is there a text in this class?”. Tradução de Rafael Eugenio Hoyos-Andrade. In: *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo, 1992.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (orgs.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade e função tradutor. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 1, nº 4, 1999.

_____. Autoria e tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 80-96.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

_____. Tradutorias de *Cien años de Soledad*. In: *Organon*. Porto Alegre: v. 27, nº 53, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. As Formas do Silêncio. *No Movimento dos Sentidos*. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem*. Discurso e Textualidade. Campinas: Pontes Editores, 2010. 2ª Ed. p. 11-31.